

A questão da linguagem em Tomás de Aquino

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela
Universidade Federal de Mato Grosso.

1. A linguagem: falada e escrita

A fala e a própria linguagem seriam desnecessárias se o homem fosse naturalmente um animal solitário. Em tal caso, bastariam as paixões da alma, pois, sendo impressionado pelas coisas, o homem teria notícias (*notitia*) delas e o conhecimento para si bastaria.¹ No entanto, o homem é, por natureza, um animal social; em vista disso, mister para ele é comunicar os seus conhecimentos aos seus semelhantes. Eis, pois, a origem e a função da linguagem: “(...) a linguagem humana se origina daquilo que foi conhecido”². De sorte que a fala e as outras formas de linguagem nasceram para que o homem pudesse comunicar-se melhor com os seus iguais.³

Desta sorte, o ensino, enquanto faz com que outrem participe da nossa ciência, está intimamente ligado com o nascimento da linguagem, visto que a linguagem foi criada para um tipo de ensino: transmitir aos outros os nossos próprios conhecimentos. Destarte, pode-se dizer que ensinar é natural ao homem. Donde, sendo a linguagem algo oriundo da própria natureza social do homem, urge que toda sociedade humana tenha uma linguagem comum, a fim de que cada um possa comunicar ao outro, com descortino, as suas próprias concepções.

¹ TOMÁS DE AQUINO. *Comentário ao De Interpretatione*. Disponível em <<http://www.microbookstudio.com/tomasquinocomentariosaristoteles.htm>> Acesso em: 27/02/2007: “Se o homem fosse naturalmente um animal solitário, ser-lhe-iam suficientes as paixões da alma, pelas quais se conformaria às próprias coisas, de tal modo que, por meio delas, tivesse em si a notícia das coisas.”

² TOMÁS DE AQUINO. *Suma Contra os Gentios*. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v. IV, XXI, 4 (3578).

³ TOMÁS DE AQUINO. *Comentário ao De Interpretatione*. Disponível em <<http://www.microbookstudio.com/tomasquinocomentariosaristoteles.htm>> Acesso em: 27/02/2007: “Mas porque o homem é naturalmente animal político e social, é necessário que as concepções de um homem possam ser manifestadas aos demais, o que se faz pela voz. Por isso fazem-se necessárias as vozes significativas, isto é, para que os homens convivam entre si.”

De resto, sendo a linguagem corolário espontâneo da própria natureza social do homem, a facilidade em se comunicar ajudará, deveras, os homens a viverem melhor em sociedade.⁴

Há ainda outro aspecto. O homem, enquanto animal racional, consegue abstrair do sensível o universal que prescinde do tempo e do espaço. Desta feita, a linguagem humana poder abrir-se e estender-se aos seres humanos de todos os tempos e lugares. Daí também a arte de consignar na escrita, aos homens de outros tempos e de outros lugares, as concepções humanas.⁵

2. Linguagem e realidade

Na linha de Aristóteles, Tomás adere à concepção segundo a qual os nossos sentidos são determinados pela realidade. Desta forma, ele chama esta impressão que as coisas causam aos nossos sentidos de “paixões da alma”. Adota esta expressão, porque entende que a alma sofre estas impressões das coisas, permanecendo ela própria passiva neste processo.

Agora bem, as vozes são sinais destas “paixões da alma”, provindas, por sua vez, das próprias coisas. E como as vozes significativas podem ser registradas por escrito, deve-se também dizer que a escrita, na medida em que transmite estas vozes, é um sinal que se reduz, em última instância, à própria realidade. Deste modo, na linguagem, seja qual for ela em, subjazem, segundo uma inferência tomasiana, as nossas experiências com a realidade.⁶

Na verdade, Tomás defende que podemos dizer com palavras o *quid est* das coisas. Podemos, pois, apreender a *quidditas* das coisas sensíveis e expressá-las num *conceptus*. Em uma palavra: podemos apreender o que as coisas são, a sua essência, e podemos ainda exprimi-las com as nossas palavras. Ora, Tomás justifica esta sua tese a partir do seu conceito de criação. De fato, as criaturas podem ser ditas em palavras porque elas próprias são

⁴ *Idem. Ibidem*: “De fato, aqueles que falam línguas diversas não podem conviver bem entre si.”

⁵ *Idem. Ibidem*: “O homem, porém, utiliza-se também do conhecimento intelectual, o qual abstrai das determinações do aqui e agora. Conseqüentemente, sua solicitude não se restringe apenas às coisas presentes segundo o aqui e agora, mas também às coisas que são distantes pelo lugar e futuras pelo tempo. Por isto, para que o homem manifeste suas concepções também aos que lhe são distantes pelo lugar e aos que lhe hão de vir num tempo futuro, é-lhe necessário o uso da escritura.”

⁶ *Idem. Ibidem*: “O Filósofo inicia o Livro sobre a Interpretação por um tratado sobre a significação das vozes, dizendo: ‘As coisas, portanto, que estão nas vozes, são sinais das paixões que estão na alma; e as coisas que se escrevem são sinais das coisas que estão nas vozes’. O Filósofo propõe aqui três coisas, de uma das quais pode-se inferir uma quarta. Propõe, de fato, a escritura, as vozes e as paixões da alma. Das paixões da alma, porém, podem inferir-se as coisas ou a realidade, pois as paixões da alma procedem da impressão de algum agente e assim devemos dizer que as paixões da alma têm sua origem das próprias coisas ou realidade.”

palavras. Com efeito, as criaturas fazem às vezes, na criação, das palavras audíveis, no conhecimento humano. Desta maneira, elas são manifestações do Verbo de Deus, isto é, elas expressam o pensamento de Deus. De modo que, a justificação de que as coisas são cognoscíveis e de que as nossas palavras podem exprimir, em certa medida, a realidade da *res*, procede do conceito de criação, consignado no *Prólogo do Evangelho de João* e na *Epístola de São Paulo aos Colossenses*, segundo os quais todas as coisas foram feitas pelo *Logos*, nele e para ele.⁷

Sem embargo, a linguagem, tanto para Pieper como para Lauand, é um dos “sítios” onde residem as experiências mais profundas e significativas do homem com o real. Cabe, pois, ao filósofo, segundo uma *metáfora arqueológica, escavar: nas instituições, no agir humano e na linguagem* todas estas experiências com as coisas, *cristalizadas* nestes sítios.⁸

De forma que, o *acesso* às nossas experiências mais profundas, por mais paradoxal que isto possa parecer, tê-lo-emos por meio do estudo da linguagem, das instituições e da antropologia e não, direta e imediatamente, das experiências enquanto tais, visto que estas se desvanecem rapidamente. É como se o estudo destes “sítios” nos fizesse experimentar de novo toda a riqueza que se havia petrificado em instituições, em formas de agir ou em uma linguagem irrefletida.⁹ Em assim sendo, claro está que, para Tomás, o estudo da lógica está intimamente ligado ao estudo da própria realidade, das próprias coisas. Portanto, é estranha a

⁷ LAUAND, Luiz Jean. *Deus Ludens – O Lúdico no Pensamento de Tomás de Aquino e na Pedagogia Medieval*. In: LAUAND, Luiz Jean. *Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino*. São Paulo: Esdc, 2006. p. 23: “Assim, para Tomás, a criação é também um ‘falar’ de Deus, do *Verbum* (razão, razão materializada em palavra): as criaturas são, porque são pensadas e ‘proferidas’ por Deus: e por isso são cognoscíveis pela inteligência humana.” TOMÁS DE AQUINO. In. *Sent. I, d 27, 2, 2 ad 3*. In: LAUAND, Luiz Jean. *Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino*. São Paulo: Esdc, 2006. p. 23: “Assim como a palavra audível manifesta a palavra interior, assim também a criatura manifesta a **concepção** divina (...), as criaturas são como palavras que manifestam o Verbo de Deus.”

⁸ LAUAND, Luiz Jean. *Método e Linguagem no Pensamento de Joseph Pieper*. In: LAUAND, Luiz Jean. *Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino*. São Paulo: Esdc, 2006. p. 122: “Pois o conteúdo das experiências não está totalmente disponível a nosso saber consciente. Pode ocorrer por exemplo que as experiências, as grandes experiências que podemos ter sobre o homem e o mundo, brilhem com toda a viveza por um instante na consciência e depois, sob a pressão do cotidiano, comecem a desvanecer-se, a cair no esquecimento... Seja como for, não é que se aniquilem (se se aniquilassem não restaria sequer a possibilidade de filosofar...), mas se transformam, se tornam...: instituições, formas de agir do homem e linguagem. Estes são os três ‘sítios’ (para usar uma metáfora da arqueologia) onde o filósofo deve penetrar para recuperar o que tinha sido oferecido na experiência.”

⁹ *Idem. Ibidem*. p. 125 e 126: “Resumindo: o filosofar parte da experiência, mas nossas grandes experiências não permanecem na consciência reflexiva com toda a riqueza, mas nos escapam e se transformam inconscientemente em instituições, modos de agir e linguagem. Portanto o método, o caminho, segue, de algum modo, aquilo que foi expresso por Heráclito numa conhecida sentença: *odos ano kato mia kai oyte*, o caminho para cima e o caminho para baixo é o mesmo e único. O espírito do homem, levado por uma necessidade dele, ‘desceu’ para criar a universidade, para se pôr a filosofar, para enriquecer a linguagem... e depois, se queremos saber o que é o homem, o caminho, o método é subir: dessas realidades para o homem: *odos ano kato mia kai oyte*.”

Tomás uma concepção de lógica sem relação com a realidade: “A Lógica se ordena ao conhecimento que procede das coisas ou da realidade”¹⁰.

3. Exemplos práticos da preocupação de Tomás com a linguagem

Mostremos três exemplos que parecem atestar como Frei Tomás dá uma atenção toda especial à linguagem nos tratados da *Summa Theologiae*. É assim quando ele estuda a estrutura do ato humano; recorre muitas vezes às etimologias, pois sabe que na origem das palavras, encontram-se como que cristalizada as experiências fundantes do homem. Por exemplo, ao dar início ao seu *Sobre a Intenção (De Intentione)*, acena para o significado desta palavra: “Intenção, pela própria significação do termo, quer dizer tender para alguma coisa”¹¹. O texto latino mostra bem que o Frade Dominicano quer despertar a atenção do leitor para o fato de que *intentio* vem de *in- tendere*, que significa *tender para algo*. É, pois, a partir desta premissa, que ele ira desenvolver todo o seu estudo sobre a intenção enquanto parte da estrutura do ato humano.

No tratado da *Sobre o Conselho (De Consilio)*, o Aquinate também destaca a importância do nome para a compreensão da realidade. Infelizmente a nova tradução da *Suma* traduz o termo *consilium* por *deliberação*, tornando assim mais difícil ao leitor moderno a percepção do jogo de palavras que o autor quer salientar para nos explicar a sua concepção. Por isso, aqui traduzimos *consilium* por *conselho*. Diz Tomás: “Propriamente o conselho (*consilium*) implica comparação (*collationem*) feita entre muitas coisas, como o nome está a designar, pois *consilium* é como *considium*”¹². Ora, *considium*, que vem de *consido*, significa: muitos que se assentam para julgar entre muitas coisas. Agora bem, as ações humanas são tão *contingentes* que se podem apresentar sob condições tão diversas e variadas, que um só homem não seria capaz de prever todas as possibilidades possíveis. Donde ser necessário para julgá-las a reunião de muitos, o que não é necessário nas coisas mais universais, que, por serem absolutas e necessárias, são também mais simples e invariáveis. “Daí se conclui que o

¹⁰ TOMÁS DE AQUINO. **Comentário ao De Interpretatione**. Disponível em <<http://www.microbookstudio.com/tomasquinocomentariosaristoteles.htm>> Acesso em: 27/02/2007

¹¹ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. I-II, 12, 1, C.

¹² *Idem. Ibidem*. I-II, 14, 3, C.

consilium (*conselho*) propriamente tem por objeto as nossas ações”¹³. Por conseguinte, o conselho não se constitui por qualquer comparação, mas designa aquela comparação que se refere aos atos humanos, naquilo que concerne à escolha do que deve ser feito.¹⁴ Portanto, o conselho (*consilium*) se define como sendo o ato pelo qual cada indivíduo delibera sobre o modo como deve proceder em determinada circunstância, a fim de que, entre os muitos meios que porventura se lhe apresentem, ele possa escolher o que lhe parecer mais adequado.

Finalmente, na *Quaestio De Ideis*, Tomás, antes de definir, compara o significado do termo *ideia* em grego – *eidōs* – com um termo equivalente que a designa em latim: “‘Idéia’, em grego, é o que, se diz em latim, com ‘forma’”¹⁵. No entanto, acresce que, conquanto *eidōs* signifique *forma*, ele adenda algo mais ao termo para ser traduzido simplesmente por *forma*. Por isso, deve ser traduzido melhor por *ideia* do que simplesmente por *forma*. Tomás precisa o que o termo *ideia* anexa ao termo *forma*: “Por idéias (*ideas*), portanto, se entendem as formas (*formae*) de todas as coisas que existem fora das coisas mesmas”¹⁶, isto é, no pensamento. Tomás não para na etimologia; antes, como neste caso, vale-se dela para enriquecer ou explicar o *léxico* da sua língua.

4. Educação e existência

Este “método” – começar pela investigação das raízes da palavra – acentua-se na antropologia, dado que, para Tomás, por trás da palavra, há sempre o homem que capta a realidade e a transmite para outrem por meio da palavra: oral ou escrita. Aliás, o próprio conceito de tradição encontra aqui a sua justificação, pois conforme vimos acima, a palavra escrita foi feita para que uma geração pudesse passar às vindouras as suas experiências mais significativas.

Ademais, pode-se perceber que a palavra, o nome ou o termo dizem sempre respeito à vida, ou seja, à existência. De fato, se o *nome* expressa a essência das coisas que existem, o *verbo* exprime a ação delas. Portanto, em Tomás, aquilo que em *gramática* chamamos de *oração*, é composto e está ligado, positivamente, com a própria dinâmica da existência. A

¹³ *Idem. Ibidem.* (O itálico e o parêntese são nossos).

¹⁴ *Idem. Ibidem.* I-II, 14, 3, ad I: “Portanto, deve-se dizer que segundo o que foi dito, a *consilium* (*conselho*) implica não qualquer comparação, mas comparação do que deve ser feito.” (O itálico e o parêntese são nossos).

¹⁵ *Idem. Ibidem.* I, 15, 1, C.

¹⁶ *Idem. Ibidem.* (Os itálicos e os parênteses são nossos).

gênese do conhecimento é a vida, a existência. Por isso, Lauand pode dizer aos homens do nosso tempo:

O conhecimento é, para nós compartimentado, separado da existência. Já Tomás, que pensa no saber como integrado à existência, ante as mesmas perguntas, aconselha “sobre como deve ser tua vida”.¹⁷ Se o objetivo da escola, hoje, é formar o bom profissional, ou, quando muito, “educar para a cidadania”, ou formar para uma análise crítica do mundo; os conselhos de Tomás, no século XIII, incidem sobre a própria estrutura nuclear íntima do ser humano.¹⁸

¹⁷ LAUAND, Luiz Jean. **São Tomás de Aquino: O Estudo**. In: **Cultura e Educação na Idade Média**. Org. Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 301.

¹⁸ *Idem. Ibidem.*

BIBLIOGRAFIA

LAUAND, Luiz Jean. *Deus Ludens – O Lúdico no Pensamento de Tomás de Aquino e na Pedagogia Medieval*. In: LAUAND, Luiz Jean. *Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino*. São Paulo: Esdc, 2006.

_____. *Método e Linguagem no Pensamento de Joseph Pieper*. In: LAUAND, Luiz Jean. *Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino*. São Paulo: Esdc, 2006.

_____. *São Tomás de Aquino: O Estudo*. In: *Cultura e Educação na Idade Média*. Org. Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TOMÁS DE AQUINO. *Comentário ao De Interpretatione*. Disponível em <<http://www.microbookstudio.com/tomasaquinocomentariosaristoteles.htm>> Acesso em: 27/02/2006.

_____. *In. Sent*. In: LAUAND, Luiz Jean. *Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino*. São Paulo: Esdc, 2006.

_____. *Suma Contra os Gentios*. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v.

_____. *Suma Teológica*. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001.